

SANTO, Regina Helena Espirito. **Aproximações entre a proposta da Escola da Ponte e a pedagogia do teatro nas escolas de Salvador: um lugar para a emancipação intelectual dos educandos.** Salvador: Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas e Dança; Universidade Federal da Bahia. Mestranda do PPGAC/UFBA. Orientador: Luiz Claudio Cajaíba.

RESUMO

Este artigo propõe uma reflexão sobre a proposta inovadora da Escola da Ponte em aproximações com a pedagogia do teatro. Examinando os pontos positivos da quebra de barreiras e muros, não só da estrutura física da escola, mas de tantos outros entraves para uma emancipação intelectual dos educandos, a autora relaciona a prática de projetos e assembleias democráticas no modelo inicialmente proposto por Pacheco (2009) na implantação do modelo inovador em Avis, Portugal, aos jogos teatrais e performances, como atividades a serem amplamente empregadas na desconstrução da estrutura arcaica e viciada do nosso sistema educacional, comprovadamente superado e ineficaz. Tendo como suporte alguns teóricos como Ryngaert (1996), a Poética de Brecht, além de estudos sobre recepção teatral de Rancièrre (2012), tece considerações sobre uma releitura das práticas freirianas da “escuta”, o “fórum” de Boal (1977) e as performances, analisando os aspectos semelhantes entre essas situações, e a escola estruturada pelo educador português. Nessa perspectiva, indaga-se sobre possibilidades de caminhos rumo a soluções para nosso sistema falido e inoperante de educação.

Palavras-chave: Pedagogia teatral. Escola da Ponte. Jogos teatrais e performances.

Approaches between the proposal of Bridge’s School and theater pedagogy in schools of Salvador: a place for intellectual emancipation of learners.

ABSTRACT

This article proposes a reflection about the innovative proposal of the Bridge’s School in approaches to theater pedagogy. Examining the positives points of breaking down barriers and walls, not only the physical structure of the school, but many other challenges to the intellectual emancipation of learners, the author relates the practice of projects and democratic assemblies in the

model originally proposed by Pacheco (2009) in the implementation of the innovative model in Avis, Portugal, for the theater games and performances, as activities to be widely used in the deconstruction of the archaic and addicted structure of our educational system, demonstrably overcome and ineffective. Backed by some theorists as Ryngaert (1996), Brecht's Poetics, and studies of theater reception of Rancière (2012), make considerations about a rereading of the freirian practices of "listening", the "forum" of Boal (1977) and the performances, analyzing similar aspects between these situations, and the structured school by portuguese educator. In this perspective, one may wonder about the possibilities of paths towards solutions to our broken and dead system of education.

Keywords: Theater pedagogy; Bridge's School; games and performances.

O estudo teórico prático que desenvolvo nas Oficinas de Teatro e outros espaços em escolas públicas de Salvador, particularmente do Colégio Estadual Serravalle- CERS - visando o empoderamento da voz do aluno através da pedagogia do teatro, ganhou um novo olhar a partir da análise de alguns aspectos relevantes que encontrei no fazer pedagógico da Escola da Ponte, em Portugal.

A Escola da Ponte, em Vila das Aves, é mais que uma escola com um ambiente amigável e solidário de aprendizagem. É uma comunidade educativa. Mais do que um projeto de educação para a cidadania, a Escola da Ponte se distingue pela práxis de educação na cidadania: uma comunidade profundamente democrática e autorregulada, onde todos os seus membros concorrem genuinamente para a formação de uma vontade e de um saber coletivos. Suas normas e regras decorrem da necessidade sentida por todos de agir e interagir de certa maneira, de acordo com uma ideia coletivamente partilhada do que deve ser o viver e conviver em um ambiente propício para a aprendizagem.

O aspecto talvez mais significativa na experiência inovadora da Escola da Ponte é a reformulação, absolutamente radical, dos papéis do “professor” e do “aluno”, como membros de uma comunidade educativa. Os professores não estão no centro da vida escolar, mas em permanente movimento de acompanhamento, orientação e reforço do percurso de aprendizagem e desenvolvimento pessoal e social de cada aluno. O currículo não existe em função do professor, mas é uma permanente referência desse percurso do aluno, solidariamente partilhado por todos.

A Escola da Ponte é pautada pela aparente subversão de um conjunto de mecanismos e rituais que costumamos associar à organização e funcionamento de uma escola. Na Ponte, tudo parece funcionar numa outra lógica. Sem aulas, sem turmas, não há também fichas ou testes elaborados por professores para a avaliação dos alunos. Além do espaço absolutamente democrático, sem divisórias em classes, o tempo, sem toques de campainha, também obedece à outra ordem, a da necessidade do trabalho conjunto. Rubem Alves (2011, p.45) afirma:

Na escola da Ponte, as crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. Isso não é uma exceção. É a rotina do dia a dia. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão aprendendo valores. A ética perpassa silenciosamente, sem explicações, as relações naquela imensa sala.

No Projeto Educativo da Escola da Ponte, fundada por José Pacheco, alguns princípios me parecem muito relevantes:

2- A intencionalidade educativa que serve de referencial ao projeto Fazer a Ponte orienta-se no sentido da formação de pessoas e cidadãos cada vez mais cultos, autônomos, responsáveis e solidários e democraticamente comprometidos na construção de um destino coletivo e de um projeto de sociedade que potenciem a afirmação das mais nobres e elevadas qualidades de cada ser humano.

3- A Escola não é uma mera soma de parceiros hierarquicamente justapostos, recursos quase sempre precários e atividades ritualizadas – é uma formação social em interação com o meio envolvente e outras formações sociais, em que permanentemente convergem processos de mudança desejada e refletida.

(Projeto Educativo, disponível em <http://www.escoladaponte.com.pt>)

Embora se perceba estes mesmos princípios, quase com os mesmos termos, em grande parte dos projetos educativos das outras escolas, incluindo o CERS, a diferença está na sua ampla aplicação, na efetiva prática deles na escola. A Escola da Ponte vive esses princípios, ao contrário das outras em que são meras palavras em um papel que poucos leem e menos ainda aplicam.

A escola é um sistema social complexo, intrinsecamente regido por forças provenientes das relações de seus inúmeros sujeitos, não necessariamente afinados em suas concepções ético-políticas e/ou técnico-operacionais, o que torna esse ambiente de trabalho coletivo marcadamente heterogêneo em suas histórias e itinerários.

Apesar da estrutura física privilegiada do CERS, observando-se o interior da escola, é possível entender o visível desencantamento da comunidade escolar. Remonta a um modelo antiquado de arquitetura, mais próxima de um presídio, com muros altos e grades, construída para vigiar e punir, de acordo com Foucault (1977). É evidente que a escola não corresponde às expectativas dos jovens e vai perdendo cada vez mais sua função social.

A instituição de muros e grades em muitas escolas é uma das evidências de tal vigilância, onde tudo é controlado, entradas e saídas, atitudes e conversas, palavras e sussurros. Muitas vezes, atos espontâneos são trocados por reproduções ou códigos, para os adolescentes não serem descobertos em suas reais atitudes. Michel Foucault (1977 p. 154) avalia que,

Toda uma problemática se desenvolve então: a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado – para tornar visíveis os que nela se encontram; mas geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los.

Embora pareça reflexo natural do cotidiano da época atual, o aumento do individualismo e da aspereza no trato com os outros, não pode deixar de ser percebido por nós, educadores afinados com o pensamento de Freire (1996 e 2001) e Courtney (1980), que defendem a humanização como finalidade da educação neste novo século. Richard Courtney (1980, p. 4) afirma:

Precisamos proporcionar uma educação que possibilite os homens desenvolverem suas qualidades humanas. É esta a maior necessidade de nosso tempo. (...) precisamos cultivar o 'homem total' e nos concentrarmos nas habilidades criativas do ser humano.

A experiência teatral no CERS tem como foco principal os jogos teatrais, sempre adaptados à realidade de cada turma, considerando seus conhecimentos prévios e interesses, além da presença de alunos com necessidades especiais. Os jogos teatrais vão além das questões pedagógicas e alcançam instâncias mais profundas, atuando sobre questões subjetivas relacionadas ao medo, ao fracasso, à perda. Que os jogos pode de alguma maneira ajudar o adolescente a trilhar o caminho na descoberta de si mesmo e a lidar com as possíveis dificuldades que surjam durante esse processo, já foi notificado por Viola Spolin (2008, p.20):

“ao participar dos jogos teatrais, professores e alunos podem encontrar-se como parceiros, no tempo presente, e pronto para comunicar, conectar, responder, experienciar, experimentar e extrapolar, em busca de novos horizontes”.

A respeito da prática teatral para atores e não atores, como é o nosso caso nas escolas públicas, Augusto Boal insiste que deve ser empreendida por todos, já que otimizará um conhecimento sobre si próprio, além de ter um papel relevante na construção da cidadania. Boal (2003, p.14) pergunta:

“Quantos de nós somos capazes de olhar no espelho e de nos ver realmente como somos ou como queremos ser, e não como querem que sejamos? Talvez com o espelho do teatro, esta imagem permita diminuir a distância entre o real e o imaginário”

Embora maioria das aulas siga um modelo que pode ser resumido em: atividades de integração, preparação corporal e vocal com alongamentos,

jogos de concentração e atenção, jogos teatrais específicos e improvisação, nota-se que não há hierarquia entre “professor” e alunos durante o processo, podendo o comando ser assumido por qualquer dos jogadores cuja proposta seja aceita pelo grupo. Em consonância com Ryngaert (2009, p. 56): “O espaço do jogo, como espaço potencial, é um lugar no qual se experimenta a escuta do outro, como tentativa de relação entre o dentro e o fora”.

Os temas são escolhidos coletivamente de acordo com o cotidiano dos alunos e propostos outros que atendem aos projetos interdisciplinares da escola. A cada final de sessão, abre-se a roda de conversa, onde todos são instados a opinarem sobre os resultados e colaborarem com sugestões para o melhor desenvolvimento das atividades e crescimento do grupo. Todas as falas são respeitosamente ouvidas e terão peso equivalente, sancionadas pelo voto, na tomada das futuras decisões. Os participantes são então convidados a registrarem tudo que ocorreu naquela sessão, inclusive suas sensações e mudanças comportamentais em seus diários de bordo. Poderão ser lidos alguns deles, antes de se iniciar nova experiência. As sessões incluem, de acordo com a necessidade, produção de formas animadas, textos dramáticos, cenários e adereços para as cenas improvisadas, para apresentações a um público mais amplo, dentro ou fora da escola. As apresentações muitas vezes seguem o formato do “teatro-fórum”, instituído por Boal, permitindo intervenções diretas dos espectadores.

O que se nota nessa prática é o exercício amplo da “escuta” do outro, do compartilhamento de ideias criativas visando um empreendimento comunitário. O ambiente democrático e prazeroso permite que os que sabem mais ensinem os que sabem menos nos diferentes momentos do processo, instigando valores humanos como solidariedade e respeito às diferenças, sem competições e vaidades particulares, prejudiciais ao processo criativo/educativo. Quando se chega a um produto estético que cada pequeno grupo considera “pronto” para um determinado público, será o momento de percepção do espectador emancipado, princípio defendido por Rancière (2012), que nos dará a

repercussão sobre os diversos sentidos dessa obra. A partir dessa nova escuta poderão ser reelaboradas as discussões a respeito dos sentidos das cenas criadas, em assembleias democráticas do grupo maior. Isso reverberará nas novas criações e aperfeiçoamento de projetos, alimentando o crescimento dos grupos.

A observação de aproximações entre essa prática teatral no CERS e alguns outros colégios públicos de Salvador e as difundidas na Escola da Ponte, em Portugal, como autonomia dos educandos, responsabilidade social dos indivíduos e exercício pleno da cidadania, nos instiga a aprofundar estudos nessas relações, deixar as ilhas isoladas de saber individual e buscar mais pontes entre comunidades onde a aprendizagem supere as amarras do tempo linear, dos currículos engessados e impostos por hegemonias partidárias, que estão em desacordo com os desafios da educação humanitária, abrindo mais espaços para o imaginário e a intuição nas nossas salas de aula.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubens. A Escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir. 13. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2011.
- BOAL, Augusto. Teatro do oprimido e outras poéticas. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a prática da liberdade e outros escritos. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. Conscientização – Teoria e prática da libertação. Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Editora Moraes, 1980.
- _____. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia – O cotidiano do professor. Tradução de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LINHARES, Célia; TRINDADE, Maria de Nazaret (Orgs.). Compartilhando o Mundo com Paulo Freire. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003.
- PACHECO, José. Pequeno Dicionário das utopias da educação. Rio de Janeiro: Wark Ed. , 2009.

ARTE DA CENA:
A PESQUISA EM
DIÁLOGO COM
O M U N D O

VII Reunião Científica
da ABRACE

27 a 29.outubro.2013
UFMG - Belo Horizonte



RANCIÈRE, Jacques. O espectador emancipado. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

RYNGAERT, Jean-Pierre. Introdução à análise do teatro. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. Jogar, representar: práticas dramáticas e formação. Tradução de Cássia Raquel da Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

Sites:

www.escoladaponte.pt - último acesso em 21 de julho de 2013